

Do espetáculo da diversidade sexual à performatividade do corpo identitário: olhares sobre a XX Parada do Orgulho LGBT de São Paulo

*From the spectacle of sexual diversity
to the performativity of the body identity:
views about the XX LGBT Pride Parade of Sao Paulo*

Murilo Peixoto da Mota

*Phd em Serviço Social – ESS/UFRJ; sociólogo no Núcleo de Estudos de
Políticas Públicas em Direitos Humanos/UFRJ; coordenador doGANIMEDES –
Grupo de Estudos e Pesquisas em Diversidade Sexual e Direitos Humanos.
muriloufrj@gmail.com*



Resumo

A partir de uma breve observação participante sobre a Parada LGBT de São Paulo, este artigo analisa a perspectiva do evento como protesto político, mas também como espetáculo performático da diversidade sexual, das práticas sexuais e vidas mais irreverentes. Buscam-se algumas reflexões acerca das relações entre performatividade, diversidade sexual e luta pela afirmação da diferença, além de pensar a expressão do espetáculo do corpo como linguagem e seus significados a partir de uma atuação em que um indivíduo se pendura pela pele em um gancho suspenso numa árvore em pleno espaço público.

Palavras-chave: Homossexualidade. Diversidade sexual. Identidade sexual. Parada LGBT.

Abstract

From a brief participant observation on the LGBT Parade of São Paulo, this article analyzes the event's perspective as a political protest, but also as a performative spectacle of sexual diversity, sexual practices, lives more irreverent. This search has as its aim to find some reflections on the relationship between performativity, sexual diversity and the struggle for the affirmation of difference; besides thinking the body spectacle of expression as language and its meanings from a performance where an individual hangs by the skin in a suspended tree in full public space.

Keywords: Homosexuality. Sexual diversity. Gender identity. LGBT Parade.

Em que medida é a “identidade” um ideal normativo, ao invés de uma característica descritiva da experiência?
(BUTLER, 2008, p. 38)

Introdução

Cabe registrar, na condição de um pesquisador participante, que o local de observação era a Cidade de São Paulo, domingo, 29 de maio de 2016. O metrô em direção à Estação Consolação, para a Avenida Paulista, fervilhava em nome da diversidade. Era dia de realização da XX Parada do Orgulho LGBT¹. Dezenas de jovens se espremiavam em busca de um lugar no vagão. Risadas, gritarias, brincadeiras; um fez malabarismos, plantou bananeiras no trem; outros se beijavam, homens com homens e mulheres com mulheres, casais de todo tipo. Tinha uma travesti, muito bem-vestida, com salto incrivelmente alto, que usava freneticamente seu celular, como se marcasse encontros. Ainda no vagão do metrô, chamou atenção um rapaz bastante alto, de barba bem aparada, aparentando performance *macho man*, mas que, em contraposição, usava vestido, coturno preto tipo bota até o joelho, batom vermelho, unhas pintadas de preto, sombra azul nos olhos, que também estavam contornados com lápis, acentuando certo desenho de olho de gato.

O que se podia observar com clareza era que havia uma excitação geral que tomava conta daquele dia caracterizado pelo orgulho LGBT, que abraça múltiplas identidades para além das letrinhas, em um momento em que se podia esbravejar o sentido de resistência e liberação sexual na Avenida Paulista de maneira coletiva. Atitudes e personagens, reunidos como estavam, seriam algo raro de se ver no cotidiano daquela estação de metrô e no maior centro financeiro da América Latina, a Avenida Paulista. Mas o dia era de celebração da XX Parada do Orgulho LGBT de São Paulo. Seria um dia identitário de afirmação da diferença pelo desejo sexual? Dia de resistência em que se dá visibilidade a novos prazeres? Dia em que se dá sentido à luta pelo desprezo ao “armário”? Ou sua negação, pois a saída dele pode não fazer mais sentido, já que todos estamos celebrando ser ou estar lésbica, gay, bissexual, travesti ou transgênero e também diversos, mas simplesmente diferentes.

Na Avenida Paulista ainda eram onze horas, contudo já havia grande concentração de jovens, homens e mulheres, em sua maioria aparentando entre 18 e 30 anos, e a expectativa era grande para a saída do primeiro carro de

¹ Organizado pela Associação da Parada do Orgulho de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros de São Paulo (APOGLBT) e tem apoio da *Four X Entertainment*.

som, marcada para as quatorze horas. Numa perspectiva geracional, cabia observar que no canto da Avenida Paulista encontrava-se um indivíduo a destoar dos outros pela aparência, cujas marcas da idade saltavam aos olhos. Esse sujeito utilizava a bandeira do arco-íris como uma capa a encobrir seus ombros, parecia sozinho, mas exuberante, feliz, demonstrava certa explosão de simpatia no sorriso, agitava em uma das mãos um cartaz “Fora Temer”. Sua permanência ali possibilitou uma indagação: onde estavam os sujeitos idosos nesse evento? Notem que a indagação não foi feita a partir de um olhar sobre o “coroa”, sujeito de cabelos brancos, como lembra Simões (2004), bem aparentado, disposto, com roupas esporte e aparência que não o distanciava do ideal de juventude. Esse, sim, misturava-se em meio à massa de indivíduos da alegria. De todo modo, a diversidade de tipos identitários pairava na avenida em um sentimento que transmitia alegria coletiva, bom humor, confraternização, liberdade. Então, a palavra que parecia expressar certo sentido universal que pudesse caracterizar aquele momento era: liberdade. A liberdade em tal grau de “desbunde”, que muitos se permitiram certos espetáculos. Era o espetáculo das identidades, dos desejos sublimados, de uma arte de viver do enfrentamento em muitos “armários” impostos às sexualidades homossexuais, mas que ali, naquela avenida, naquele dia, liberdade e protesto político eram o usufruto do mundo, da sociedade, da possibilidade de estar entre pares identitários, comunitários, em nome de uma luta, um destino de poder experimentar no espaço público a aceitação da manifestação da sexualidade não reprodutiva como parte da conduta humana.

A Avenida Paulista, naquele dia, fez valer o que Michel Foucault (2004) já acentuava, ou seja, que a liberdade também é algo que criamos, é nossa criação e possibilidade de experiência, e não somente uma descoberta secreta de nosso desejo. O sentido de expressão libertária estava em consonância com uma coletividade, anunciava-se para além do sentido heteronormativo em um espetáculo dos desejos livres de amarras. Cabe ressaltar que heteronormatividade como categoria surge no artigo de Morin (1977) como questão de análise aos estudos LGBT. Trata-se de uma descrição “como um enviesamento heterossexual, um sistema normativo de crenças que considera a heterossexualidade como mais “natural” e superior à homossexualidade” (OLIVEIRA, 2013, p. 69). Nesse contexto, pode-se perceber que naquele evento se manifestavam novas formas de relações, de amor, de criação, de expressão, de prazer, que expunham a sexualidade não como fatalidade, mas como possibilidade de uma vivência criativa, diferente, libertadora, em que toda e qualquer “pegação” tem como simbolismo ser uma expressão política.

Havia na Avenida Paulista muita alegria, um sentimento de se jogar, “soltar os bichos” tão reprimidos no espaço privado, no entra e sai dos “armários” cotidianos – e são muitos os “armários” a vencer ou a compartilhar com outros –, a fim de driblar a injúria dos que expressam de alguma forma a sua diferença social e sexual. Tratava-se de uma experiência coletiva, ou seja, de esbravejar o sentido do direito à orientação sexual, de ser o que se deseja ser em um território onde esse direito não é respeitado.

O contexto político era de protesto pela situação do país e o “Fora Temer” foi um *slogan* unânime em meio a bandeiras do arco-íris, símbolo oficial da Parada do Orgulho LGBT. A Parada do Orgulho LGBT foi um grande palco de protesto contra a atual conjuntura política brasileira. Alguns participantes levaram faixas e cartazes contra o presidente da República em exercício, Michel Temer (PMDB), pedindo sua saída do cargo. O *slogan* “Amar Sem Temer” estava escrito nos lugares mais inusitados, inclusive na testa das pessoas.

O que se evidencia como questão preponderante às manifestações ao “Fora Temer” é a contundente preocupação dos movimentos LGBTs em relação a grandes retrocessos políticos já explicitados pelo atual governo instituído de maneira duvidosa, tendo em vista que decisões recentes do Congresso Nacional vêm fortalecendo ainda mais filiações com a bancada fundamentalista, o que traz consequências graves como perdas aos direitos conquistados em torno da luta pela diversidade sexual. A reforma da Secretaria de Direitos Humanos sem *status* de Ministério, retirada de uma pauta explícita dos LGBTs, e a possibilidade de tramitar o Estatuto da Família (Projeto de Lei 6583/2013), que ameaça avanços conquistados no Supremo Tribunal Federal em 2011 relativos à união civil de casais homossexuais, evidenciam graves retrocessos.

O tema da Parada ostentava também uma ampla discussão sobre a Lei de Identidade de Gênero e logo no primeiro carro de som havia uma faixa que anunciava: “Lei de Identidade de Gênero, Já! – Todas as pessoas juntas contra a Transfobia!²”. Nas ruas, aglomeravam-se todos os tipos identitários, que se distribuíam em torno dos dezessete trios elétricos e se concentravam a partir do Museu de Arte de São Paulo.

O surpreendente foi ver, ao longo da via, numa calçada mais à frente dos carros de som, que ainda estavam por passar, um homem pendurado por ganchos presos à própria pele que esbravejava seus protestos contra a

² Está em tramitação na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei 5002/13, de autoria do Deputado Federal Jean Wyllys (PSOL-RJ), que tem por objetivo estabelecer o direito à identidade de gênero definida tal como o sujeito se sente, o que pode corresponder ou não ao sexo atribuído pelo nascimento. Em resumo, a proposta do Projeto de Lei obriga o SUS e os planos de saúde a custear tratamentos hormonais integrais e cirurgias de mudança de sexo a todos os interessados maiores de 18 anos, entre outras questões.

homofobia. Que sujeito era aquele? Uma manifestação masoquista? O que aquilo significava nesse evento da Parada? Dar vazão a uma violência sentida por todos os pares em meio à discriminação aos homossexuais? O uso do corpo mutilado como forma de comunicação? A demonstração do prazer físico através da dor? Aquilo era demonstração de um espetáculo como linguagem em que o corpo pendurado por ganchos, ao despertar abjeção, fala, comunica, informa sua mensagem de protesto, mas também experimenta o quanto se pode produzir prazer a partir de ações estranhas? Uma ação inabitual, que em plena avenida, no maior evento LGBT global, clama pela radicalização da diferença? A demonstração de uma prática sexual como identidade? O que era aquilo?

A perspectiva do protesto político se amalgamava em meio a um espetáculo performático das identidades, da diversidade sexual, das práticas sexuais, de experiências mais irreverentes. E é nesse sentido que este artigo busca algumas reflexões e pontua duas vertentes de análises: primeiro, a relação entre performatividade, diversidade sexual e luta pela afirmação da diferença e sua expressão coletiva; segundo, pensar a expressão do espetáculo do corpo como linguagem e seus significados a partir de uma atuação em que um indivíduo se pendurou pela pele no decorrer desse evento.

Vale ressaltar que neste artigo elucida-se certo olhar participante sobre a XX Parada LGBT de São Paulo. Nesse contexto, cabe salientar que, metodologicamente, ao valer-se da categoria participante em pesquisa social, o conteúdo e as análises sugeridas articulam a inserção de um observador-pesquisador próximo e inserido no campo de estudo que se focaliza. Trata-se de reconhecer que, na qualidade de interlocutor e informante do que observa e pesquisa, o pesquisador é sujeito e objeto do conhecimento que matiza. O pesquisador nessa interação assume-se posicionando em relação ao campo como um “interjogo” de alteridades e identidades que conformam o modo de pesquisar. Por esse viés, este artigo se articula com o método de pesquisa participante, em que a alteridade e as comunidades são interpretativas e acionam uma certa complementação à pesquisa etnográfica (SCHMIDT, 2006).

Performatividade, diversidade sexual e luta pela afirmação da diferença: e a Parada Gay com isso?

A Parada LGBT expõe na rua o quanto as experiências homossexuais são múltiplas e vividas de maneira diversa, mas que cada sujeito homossexual sabe, pois teve que aprender a encobrir seu desejo e manter certa duplicidade sexual em determinados territórios, o que fez com que a metáfora do “armário”

se evidenciasse para todos como fato coletivo. O que se percebe são processos de vida em muitas crises acionadas pelo desejo homossexual, sublimado por haver a representação de um “eu” em permanente desvio pela intolerância social à homossexualidade (FACCHINI, 2005). Nesse sentido, Carrara (2005, p. 21) vai mais além e acentua que “em relação ao processo de transformação social que o país vive atualmente, talvez nenhuma questão seja tão emblemática quanto a da homossexualidade”.

Não havia sujeito LGBT que, ao se espremer na multidão daquela avenida, não tivesse passado pelo sentimento de inferioridade e, muitas vezes, pelo desprezo, pelo *bullying*, violência física ou simbólica que teve de enfrentar no trabalho, na escola, no Natal, no churrasco com familiares. No entanto, a percepção de poder viver experiências satisfatórias adaptadas às normas sociais torna-se aos poucos aceitável, e esse avanço se evidencia nas últimas décadas com muitas lutas, as quais ainda se impõem nas trincheiras diante da homofobia tão cotidiana. As atuais gerações se deparam com as mudanças sociais espelhadas em novos modos de vida gay, com o crescimento do mercado de consumo, das formas de lazer, das manifestações públicas e da reafirmação política de direitos sociais e civis, fazendo com que ser gay possa ser um detalhe no âmbito da experiência em “estar” gay.

O paradoxo é que, em uma sociedade cada vez mais individualizada e caracterizada por experiências sexuais no âmbito da intimidade, observamos uma luta coletiva por expressão baseada em um modo de vida que reivindica direitos de igualdade social e respeito à diferença. Contudo, essa virada histórica é datada e se estabelece como um marco para a questão homossexual como reconhecimento no contexto dos direitos humanos. Os indivíduos passaram a ver, no seu desvelamento sexual, um sentido político, um rito de passagem individual que representa a bandeira de um movimento por afirmação de cidadania. Essa conjuntura lembra o debate protagonizado por Michel Foucault (1984) ao expor o quanto os homossexuais foram alvo dos discursos da psiquiatria e dos juristas, que tanto regularam a perspectiva de patologia para a homossexualidade, fato que contribuiu para que os homossexuais passassem a se posicionar. É como se afirmassem: “Se somos alvo de seus discursos que dizem sobre o que nós somos, pois bem, nós mesmos diremos, melhor que vocês” (FOUCAULT, 1984, p. 234).

A Parada LGBT é a chave do armário para muitos homossexuais. O evento expõe essa virada da afirmação de um “eu” sublimado, escondido, medroso, que encontra pares identitários com os quais pode se expressar, se beijar, “se pegar” na avenida. A Parada contribui para o sair do “armário” como

maneira simbólica construída para o enfrentamento da sociedade heterossexista. Desse modo, “sair do armário” é um ato de libertação autoconstitutivo do sujeito e politizador das identidades, que está em constante ressignificação.

O “armário” é a mais conhecida metáfora dos problemas subjetivos, sociais e políticos da homossexualidade enquanto categoria de identidade e de discriminação. “Estar no armário” significa não ter perante os outros a confissão de sua orientação sexual; “sair do armário” significa fazê-lo e assim estabelecer um ritual performático que simultaneamente reinstalou o sujeito enquanto homossexual e obriga o entorno social a reconhecer a existência de (mais) um ou uma homossexual. Neste sentido, a homossexualidade diferencia-se de categorias suas semelhantes – como raça ou gênero –, pois só tem saliência através do processo de visibilização e pronunciamento (ALMEIDA, 2012, p. 14).

Em meio à carreira homossexual, percebe-se uma série de “homossexualidades” que afloram e se manifestam de distintas maneiras no cotidiano e que acabam por desempenhar papel-chave na regulação da conduta masculina normativa de gênero. Nessa perspectiva, ter uma prática homossexual circunstancial não é passaporte para ser gay ou lésbica. A identidade LGBT é algo subjetivamente mais amplo, assim como são amplos os sentidos simbólicos sobre a experiência homossexual na cultura brasileira, principalmente para o sujeito homem, cujos parâmetros das noções de gênero foram construídos com base nos constantes contrastes entre passivo e ativo, feminilidade e masculinidade (PARKER, 2002).

É fato que a discriminação e o preconceito para com a homossexualidade são observados em toda a estrutura social, sobretudo nas relações de gênero e na posição hierárquica do homem que ousa subverter a sua masculinidade ao se relacionar com outro homem. Trata-se de um dilema que leva em conta a necessidade de busca por reconhecimento cultural da sexualidade e por redistribuição das questões políticas, econômicas e sociais. Para Fraser (2001, p. 258), “gays e lésbicas sofrem de *heterossexismo*: a construção autoritativa de normas que privilegiam heterossexuais. Ao lado disso está a homofobia, a desvalorização cultural da homossexualidade”. Para essa autora, o alcance da cidadania plena passa pelo reconhecimento da diversidade sexual e por mudanças no paradigma da heterossexualidade como um destino compulsório. A questão coloca o foco sobre cidadania e direitos universais como capacidade conquistada para a potencialidade das liberdades

da vida humana, que vai além da superação das diferenças de classes e injustiças distributivas. E a luta pela afirmação e expressão da homossexualidade como um direito é exemplo.

Não se pode negar que, em um evento que reúne mais de um milhão de pessoas vinculadas de alguma forma à expressão da sexualidade, esta possa ser ignorada por toda a sociedade. Trata-se de um aspecto a ser analisado como expressão dos movimentos sociais em diferentes cenários, quais sejam: o erótico, o mercado de consumo, o papel da web, a expressão de modos de vida pautados pela diversidade para além da heteronormatividade.

Na Parada, a sexualidade é a fronteira onde se protesta, mas também onde se expressam cenas de exclusão, hierarquia, desigualdade, discriminação. Acentuam-se, dentro desse contexto de evento, atividades com diferentes distinções nem sempre libertadoras, um certo espetáculo. Como exemplos, pode-se citar: o aprisionamento das relações binárias em suas práticas acionadas pelo ativo/passivo, feminilidade/masculinidade, que parecem ainda “heteronormatizar” as condutas; assaltos; hostilização das travestis; ignorância em relação à prevenção às DSTs/AIDS; racismo; hostilização das distinções gordo/magro, baixo/alto, feio/bonito, preto/branco, feminino/masculino, pobre/rico, bem vestido/mal vestido etc. Entretanto, o evento chama atenção por ser o palco da integração social da diferença entre os diferentes, da transgressão sexual como expressão política, mas imerso em algumas circunstâncias, na matriz heterossexual, nas lutas de classes, nas questões étnicas e nas hierarquias de gênero, afinal, a sociedade está ali! Há uma instigante diversidade dos erotismos e convenções. No entanto, se a Parada LGBT não expressa um manual de boa conduta, tem a cara da sociedade brasileira, que clama por respeito e exige: somos todos iguais perante a lei e diferentes diante de nossos desejos sexuais.

A Parada expressa na rua, no espaço público, o comportamento fora do lugar, a transgressão, as sexualidades periféricas, abjetas, o afrontamento aos princípios morais que tanto retroalimentam os aparelhos ideológicos, como a religião, a família, a escola, a imprensa, em torno da sexualidade reprodutiva, que esperam que os LGBTs vão para o confessionário, a fim de colocá-los em seu lugar. Nesse sentido, o que se observa na Parada é um desafio à lógica heteronormativa por apontar o quanto o desejo sexual se expressa para além da norma, simplesmente vivida, compartilhada, numa consciência coletiva.

Embora se estabeleça nesse evento um “nós” em torno da luta por reconhecimento identitário, por justiça e igualdade, o evento da Parada não é determinante para uma comunhão de interesses e práticas com respeito à

diferença. Essa luta é muito maior. O universo da diversidade, mesmo construído com base no enfrentamento às normas e vivido no cotidiano de muitos sujeitos em meio à invisibilidade, transgressão, dupla moral, entrando e saindo do “armário”, como resistência ou proteção à injúria, está longe de promover o viver em uma sociedade desvinculada da moral cristã heteronormativa que se impõe como ideologia, que naturaliza a prepotência do masculino sobre o feminino, mesmo em meio à diversidade das identidades sexuais. Nesse contexto, sobressaem-se valores, normas, hierarquias e convenções que organizam as relações lamentavelmente ainda com bases sexistas. Cabe ressaltar, como afirma Foucault (2004, p. 266), que

se a identidade é apenas um jogo, apenas um procedimento para favorecer relações, relações sociais e as relações de prazer sexual que criem novas amizades, então ela é útil. Mas se a identidade se torna o problema mais importante da existência sexual, se as pessoas pensam que elas devem “desvendar” sua “identidade própria” e que esta identidade deva tornar-se a lei, o princípio, o código de sua existência, se a questão que se coloca continuamente é “isso está de acordo com minha identidade?”. Então eu penso que fizeram um retorno a uma forma de ética muito próxima à da heterossexualidade tradicional.

Para um observador participante, o contexto da Parada possibilita analisar o quanto o sistema sexo/gênero/desejo explicita-se também como uma crítica simbólica à heteronormatividade, pois, na avenida desse dia, homens com homens, mulheres com mulheres, travestis ou transgêneros com homens ou entre si, mas também homens com mulheres, podem responder, ou levar a compreender, que tanto sexo quanto gênero podem estar além do corpo biológico. Esse fato põe em xeque os limites das classificações homo, hétero e bi para significar as diferenças sexuais e as performatividades de gênero.

Um observador descuidado teria um olhar quase sempre enquadrado pela heteronormatividade sobre aqueles sujeitos diversos. Contudo, sendo mais criterioso, o que se percebe naquele evento são diferentes identidades em corpos que transgridem e performatizam o gênero, mas não o aniquilam. Em outras palavras, mesmo diante da imposição de normas de gênero, que indicam a fragilidade dos corpos de homens em mulheres, neles era possível ver de alguma forma o masculino e o feminino, mas que se inibiam em um espetáculo que questionava tudo, inclusive a norma. O questionamento da norma não aniquilava o gênero ou a ideologia heteronormativa presente nas relações LGBTs, no entanto buscava, no evento, novas possibilidades normativas que as coubessem para uma vida livre, ou seja, o direito de ser

diverso, diferente, democrático, plural, ser humano. Pode-se ressaltar que mudanças profundas estão ocorrendo nas normas que ditam a sexualidade, não havendo como retroceder a esse respeito; trata-se de uma luta histórica. Por esse viés, não se deve deixar de perceber diante dos avanços conquistados que a luta continua em torno da afirmação da diferença e pelo reconhecimento cultural e que há muito o que se posicionar diante da homofobia.

Nesse contexto, o que se salienta é que os indivíduos, na Parada, expunham em sua liberdade um espetáculo da diferença sexual, não do homem diferente da mulher, com ambos derivados de uma biologia, das genitálias, da socialização a que todos foram submetidos pela cultura das relações de gênero, mas das significações a que todos se expressam no sentido de gênero que lhes são mais favoráveis, mas que desestabilizam sua própria representação. Desse modo, aqueles sujeitos na Avenida Paulista estão constituídos pelo gênero e pelo aparato de poder binário que tem o sentido de ser masculino e feminino, não pela diferença biológica do sexo em si, mas por representações culturais e pelas experiências que o gênero lhes oferta como resistência e performatividade. Isso os coloca em uma releitura do que se deseja explicitar pelo gênero em seus corpos. Numa leitura *foucaultiana*, pode-se observar que há muitas possibilidades de representações e autorrepresentações de gênero explicitadas com diferentes tecnologias sociais, como roupas, maquiagens, trejeitos, linguagens, em múltiplos modos advindos da prática cotidiana. Teresa de Lauretis (1994, p. 209) chamou a atenção para tal fato, ao expor que

gênero é uma representação – o que não significa que não tenha implicações concretas ou reais, tanto sociais quanto subjetivas, na vida material das pessoas, muito pelo contrário; a representação de gênero é a sua construção e num sentido mais comum pode-se dizer que toda a arte e a cultura erudita ocidental são um registro da história dessa construção. A construção do gênero vem se efetuando hoje no mesmo ritmo de tempos passados, como da era vitoriana, por exemplo. Ela continua a ocorrer não só onde se espera que aconteça na mídia, nas escolas, nos tribunais, na família nuclear – em resumo, naquilo que Louis Althusser denominou “aparelhos ideológicos do Estado”.

Nesse sentido, Butler (2008) foi enfática ao afirmar o quanto Simone de Beauvoir foi importante para os estudos de gênero. Em sua célebre frase, “não se nasce mulher, tornar-se mulher”, pode-se analisar, entretanto, novas possibilidades construtivas sobre a ideia de “tornar-se” um gênero para além de ser mulher. Quando uma travesti se posiciona como mulher, sua representação reinventa novos sentidos para esse ser, trazendo possibilidades para as relações

e para o lugar dos corpos atuantes como corpos livres, podendo ser o que se quer. Portanto, a construção do gênero também é a sua desconstrução. Como acentua Teresa de Lauretis (1994, p. 209), a construção do gênero também se faz por meio de sua desconstrução, ou seja, “o gênero como o real, é não apenas o efeito da representação, mas também o seu excesso, aquilo que permanece fora do discurso como um trauma em potencial que, se não contido, pode romper ou desestabilizar qualquer representação”.

Esse corpo fala, se expressa, performatiza atividades em atos de um indivíduo que se manifesta diante de observadores e que exerce influência no espaço social. Ele também é o próprio espetáculo, uma linguagem, um veículo de protesto. Estar na rua, na avenida, beijando, “sarrando”, agarrando eroticamente o outro de mesmo gênero, abertamente explicitando a homossexualidade, possibilita atuar certa resistência à heteronormatividade. De uma manifestação que se dá no “armário”, pelo privado, pela proteção da inviabilidade social, para a avenida, por si só já é um ato político, por mais obsceno que pareça para alguns.

O que está em questão não é a busca pelo reconhecimento de múltiplas identidades, pois a discussão não é setorial, relacionada à autoafirmação sexual em si. A luta é pela introdução na sociedade, em seu processo de atuação pública, do direito à diferença e da igualdade social – iguais diante da lei, sim, mas diversos diante dos desejos sexuais e dos modos de vida.

A Parada é subversiva por colocar a homossexualidade fora do espaço privado e expor até os desejos mais abjetos, contudo também é demonstradora de um certo poder de adesão dos próprios sujeitos LGBTs às normas sociais em direção a formas monogâmicas, que repetem as representações binárias e heteronormativas, familiares e legalizadas. De todo modo, esse evento converge com aqueles que estão em desacordo com as prescrições sexuais hegemônicas. É o caso da demonstração de um sujeito pendurado pela pele em plena avenida.

O espetáculo do corpo como linguagem de protesto: está lá um sujeito estendido por ganchos na pele...

No decorrer da passagem dos carros de som, identificava-se uma aglomeração em torno de um homem. Ele estava pendurado por ganchos, uma corrente o mantinha suspenso a mais ou menos dois metros do chão, preso a uma árvore. As feições de quem olhava eram de surpresa, horror e havia quem

se indignasse por ele estar ali; segundo comentários verbais, não entendiam que sentido poderia ter um ato tão doloroso em um evento de tanta alegria.

Quando um homem ou uma mulher se posiciona em plena avenida a beijar outros homens, mulheres a beijarem mulheres, grandes grupos de travestis a se manifestarem publicamente de maneira deslumbrante, muitas trajetórias de idas e vindas, de muitos “armários”, articula-se como questão para todos, numa demonstração de resistência política e busca pela visibilidade contra a heteronormatividade. Mas o que dizer de um homem a pendurar-se por ganchos em sua pele? O que isso significa para a Parada LGBT? Que mudanças individuais esse corpo pendurado reflete no espaço coletivo? Há um sentido de manifestação pública e um posicionamento identitário? Naquele corpo, dor e prazer configuram-se em ato político para chamar a atenção para um fato de luta contra a homofobia? Em um contexto de luta contra tanta violência aos LGBTs, como analisar uma manifestação individual ao próprio corpo como sentido político e eficácia a homo-lesbo-trans-fobia?

Um dos aspectos a analisar no que concerne a um sujeito com o corpo suspenso por ganchos na pele é a postura política do contraespetáculo, contraevento, contrabanalização da manifestação política em nome da luta pelo reconhecimento da diferença no espaço público. Sua radicalidade impõe respeito pelo que se pode entender por luta política, que supera qualquer sentido de mera festividade. Mesmo que sua mutilação traga certa estranheza, horror e impacto visual, não se pode deixar de relativizar esse ato como político.

Nessa perspectiva, a XX Parada LGBT de São Paulo evidencia formas políticas contundentes atreladas a ações de ativistas em torno da sexualidade e se evidencia com amplos deslocamentos da política LGBT no contexto dos direitos humanos, manifestada desde 28 de junho de 1969 na cidade de Nova York/USA, no bar *Stonewall Inn*.

O que se focalizou pelas décadas seguintes à revolta contra a intolerância e a homofobia, após 28 de junho de 1969, são as inúmeras eclosões de uma coletividade que questionou as arcaicas estruturas de poder e desafia modelos de comportamento acionados pelo heterossexismo e, mais importante do que isso, pelas novas práticas políticas acionadas pela concepção de homossexualidades e identidades sexuais múltiplas acionadas pelo corpo, cujas possibilidades de liberdade no espaço social vêm sendo desafiadas pelas constantes expressões de violência física e simbólica. De acordo com Ramos (2003), o movimento homossexual possui um dilema a ser enfrentado politicamente:

Se, por um lado, a representação coletiva dos homossexuais como “vítimas” da homofobia encontra suporte nos dados sobre violência, também é fato que as experiências são fortemente matizadas por sexo, orientação sexual, idade e cor. Em especial, travestis encontram-se em um extremo da escala de vitimização, e mulheres homossexuais, gays jovens e bissexuais, no outro (RAMOS, 2005, p. 42).

Nos últimos anos, evidenciou-se não somente a luta pela legitimação da diferença em relação à heteronormatividade, como também o reconhecimento de que essa luta não é setorial nem particular aos homossexuais, mas de toda a sociedade de maneira relacional, cujo ponto focaliza os direitos humanos. Como ressalta Félix Guattari (1996), homossexualidade que os homossexuais constroem não os especifica em sua essência, mas sim em algo que diz respeito à relação com o corpo, com o desejo, com relações que se entrelaçam com muitas outras relações, que lutam por legitimidade, como os negros, as mulheres, os operários, os indígenas, entre outros. E aquele sujeito com o corpo pendurado pela pele dizia isso.

Considerações finais

A Parada LGBT, conforme afirma Trindade (2011), não é fruto unicamente da disputa por siglas, abriga-se no guarda-chuva da palavra homossexualidade, é multiplicidade de singularidade, pois é fruto de múltiplos agenciamentos, que não têm necessidade de uma unidade para formar um sistema. É possível perceber as marcas de movimento de massa, que não mais reivindicam a identidade sexual como pertencimento identitário monolítico para expressar as múltiplas possibilidades de orientações sexuais, mas expor na rua sua afinidade sexual em vez da mera identidade.

A radicalidade de pendurar o corpo por ganchos presos à pele e de sustentar-se em uma árvore no espaço público não pode passar em vão. Está ali um vigoroso protesto contra a homofobia estampada não somente pelas palavras “homofobia não” escritas nas costas, bordadas com o próprio sangue escorrido, mas também pelo gesto simbólico e radical de estar ali daquele jeito. Então, cabe lembrar que a homofobia brasileira possui muitas faces e muitas dinâmicas. Como ressalta Ramos (2003), existe a homofobia interativa, que está mais pautada pela mídia e ocorre na esfera da vizinhança, da casa da família, nas redes de relações domésticas conjugais, crimes passionais ou aqueles que acontecem de maneira mais sutil nas escolas e espaço de

sociabilidade. A homofobia também apresenta práticas com fins lucrativos, de acordo com essa autora, são as vítimas do “boa noite, Cinderela”, expostas à extorsão e, muitas vezes, ao latrocínio. Ademais, aponta-se a homofobia com requinte de crueldade, que se expressa pelo assassinato ritualizado, cujas marcas são mutilações, as quais deixam transparecer as marcas do espetáculo do ódio, tendo entre suas maiores vítimas as travestis.

A radicalidade desse ato de se pendurar por ganchos na pele não pode passar sem ser registrado como uma performance dissidente, que rompe com as entranhas heteronormativas, que possui molduras moralizantes até entre aqueles que acham que romperam com elas. A abjeção está ali para fazer pensar em nossos segredos sujos, distante do ego, negando o narcisismo, implacável confronto com as normas, uma dolorosa forma de manipulação do estigma, talvez uma maneira *queer* de se expressar.

O espetáculo da Parada não está mais espetacularizado – “Olha, lá está um sujeito com o corpo estendido por gancho na pele a esbravejar 'Fora Temer', 'Amar sem Temer', 'Não à Homofobia'”. O que faz valer o que está na pauta política da Parada não é apenas o reconhecimento identitário e uma luta por ser sujeito de direito dos homossexuais, mas também uma luta mais ampla que diz respeito a toda a sociedade, que implica todos os seres humanos, que está marcada contra a violência de toda ordem e levanta a bandeira da democracia e da liberdade.

Referências

- ALMEIDA, Miguel Vale. *A chave do armário: homossexualidade, casamento, família*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CARRARA, Sérgio. O Centro Latino-Americano em sexualidade e direitos humanos e o “lugar” da homossexualidade. In: GROSSI, Miriam Pillar *et al.* (Org.). *Movimentos sociais, educação e sexualidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 17-24, 2005.
- DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas?: movimento e produção de identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro: Garamond, p. 13 – 299, 2005.
- FRASE, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça na era pós-socialista. In: SOUZA, Jesse (Org.). *Democracia hoje: novos desafios para a teoria democrática contemporânea*. Brasília: Editora da UnB, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografia do desejo*. Petrópolis, Vozes, 4ªEd., 1996.
- _____. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. *Revista VERVE*, São Paulo, v. 5, p. 260-277, 2004.
- OLIVEIRA, J. M. Cidadania sexual sob suspeita: uma meditação sobre as fundações homonormativas e neoliberais de uma cidadania de “consolação”. *Revista Psicologia & Sociedade*, v. 25, n. 1, p. 68-78, 2013.
- PARKER, Richard. *Abaixo do equador*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- RAMOS, Silva. Violência e homossexualidade no Brasil: as políticas públicas e o movimento homossexual. In: GROSSI, Miriam Pillar *et al.* (Org.). *Movimentos sociais, educação e sexualidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 35-50, 2005.
- SIMÕES, Júlio Assis. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PSICITELLI, Adriana *et al.* (Org.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, p. 415-447, 2004.
- SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 11-41, 2006.
- TRINDADE, Ronaldo. O mito da multidão: uma breve história da Parada Gay de São Paulo. *Revista Gênero*, Niterói, v. 11, n. 2, p. 73-97, 1º sem. 2011.